

SEMENTES CRIOULAS
UM SOPRO DE VIDA

Editora Appris Ltda.

1ª Edição - Copyright© 2026 dos autores

Direitos de Edição Reservados à Editora Appris Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nºs 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

Catálogo na Fonte

Elaborado por: Dayanne Leal Souza

Bibliotecária CRB 9/2162

S777s
2026 Stadler, Cleusi T. Bobato
 Sementes crioulas: um sopro de vida / Cleusi T. Bobato Stadler. – 1. ed. –
 Curitiba: Appris, 2026.
 366 p. ; 23 cm.

Inclui referências.
ISBN 978-85-473-5160-1

1. Comunidades tradicionais. 2. Agrobiodiversidade. 3. Sementes crioulas.
I. Stadler, Cleusi T. Bobato. II. Título. III. Série.

CDD – 631.5

Livro de acordo com a normalização técnica da ABNT

Appris
editorial

Editora e Livraria Appris Ltda.
Av. Manoel Ribas, 2265 – Mercês
Curitiba/PR – CEP: 80810-002
Tel. (41) 3156 - 4731
www.editoraappris.com.br

Printed in Brazil
Impresso no Brasil

Cleusi T. Bobato Stadler

SEMENTES CRIOULAS

UM SOPRO DE VIDA

Appris
editora

Curitiba, PR

2026

FICHA TÉCNICA

EDITORIAL	Augusto Coelho Sara C. de Andrade Coelho	
COMITÊ EDITORIAL E CONSULTORIAS	Ana El Achkar (Univero/RJ) Andréa Barbosa Gouveia (UFPR) Antonio Evangelista de Souza Netto (PUC-SP) Belinda Cunha (UFPB) Délton Winter de Carvalho (FMP) Edson da Silva (UFVJM) Eliete Correia dos Santos (UEPB) Erineu Foerste (Ufes) Fabiano Santos (UERJ-IESP) Francinete Fernandes de Sousa (UEPB) Francisco Carlos Duarte (PUCPR) Francisco de Assis (Fiam-Faam-SP-Brasil) Gláucia Figueiredo (UNIPAMPA/ UDELAR) Jacques de Lima Ferreira (UNOESC) Jean Carlos Gonçalves (UFPR) José Wálter Nunes (UnB)	Junia de Vilhena (PUC-RIO) Lucas Mesquita (UNILA) Márcia Gonçalves (Unitau) Maria Margarida de Andrade (Umack) Marilda A. Behrens (PUCPR) Marília Andrade Torales Campos (UFPR) Marli C. de Andrade Patrícia L. Torres (PUCPR) Paula Costa Mosca Macedo (UNIFESP) Ramon Blanco (UNILA) Roberta Ecleide Kelly (NEPE) Roque Ismael da Costa Güllich (UFFS) Sergio Gomes (UFRJ) Tiago Gagliano Pinto Alberto (PUCPR) Toni Reis (UP) Valdomiro de Oliveira (UFPR)
SUPERVISORA EDITORIAL	Renata C. Lopes	
PRODUÇÃO EDITORIAL	Maria Eduarda Pereira Paiz	
REVISÃO	Luara Leite	
DIAGRAMAÇÃO	Bruna Holmen	
CAPA	Eneo Lage	
REVISÃO DE PROVA	Sabrina Costa	

Yryy YDAI (uma SEMENTE)

*Que aqueles que semeiam chorando
façam a colheita com alegria!
Aqueles que saíram chorando, levando a semente para semear,
Voltarão cantando, cheios de alegria,
Trazendo nos braços os feixes da colheita!*

(Sl 126:5-6)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que nos concede a terra, sementes, sol, chuva, água e pela vida que me permite reconstruir memórias e construir conhecimentos todos os dias.

A Universidade Estadual de Ponta Grossa, que considero minha casa, pois ali terminei minha graduação em Geografia e História, especialização, doutorado e pós-doutorado em Geografia, contribuindo para meu crescimento intelectual e como ser humano dentro dessa instituição. Ao meu orientador de doutorado e pós-doutorado, Dr. Nicolas Floriani, por mostrar caminhos e me deixar livre em busca do conhecimento e da maturidade.

Aos professores do PPGEO/UEPG, em especial Prof. Dr. Nicolas Floriani, pelo respeito e valorização do meu trabalho como historiadora, pelos trabalhos publicados e vivências nas pesquisas; Prof. Dr. Antônio Márcio Haliski, que contribuiu para meus conhecimentos sociológicos; Prof. Dr. Almir Nabosny, por me incentivar em meus conhecimentos práticos; Grupo de Pesquisa Interconexões, que me ajudaram a compreender a pesquisa acadêmica; e ao Prof. Dr. Nilson César Fraga (UEL), pelo incentivo, amizade e exemplo de pesquisa sobre “dar voz aos excluídos” das comunidades tradicionais.

Aos amáveis e queridos agricultores, guardiões de plantas, sementes e saberes, que me inspiraram a seguir, pela coragem, pela luta cotidiana e pela resistência que compartilharam comigo. Agradeço também a acolhida, os pernoites, as prosas, a comida maravilhosa, as mateadas e, principalmente, o carinho e hospitalidade: Antônio Ostrufk, Aparecida de Fátima Machado Ferreira, Antônio Tibúrcio Maia, Otacília das Chagas, Cacilda Inglês das Chagas Maia, Alcides José Maia, Antônio Pires das Chagas, Maria Tereza Freire Bittencourt, Conceição Vieira Ramos Constant, Claudiomiro Constant, Fermina Rodrigues Costa, Jesuvina Chagas Ferreira, Antônio Silvestre Leite, Maria Janete Ferreira Leite, Paulo Ricardo Leite, Elenita Aparecida Machado de Lima, Arildo Portela Moraes, Delair Portela, Domingas Ferreira da Silva (em memória), Benjamin Marques Vieira, Augusta Marques, Adalberto Ben-Hur, Ena Rosa, Juvenil Rodrigues da Costa, Vanir Rodrigues Santos, Judite Soares, Dilmira Rodrigues, Sandra de Jesus e muitos outros agricultores que gentilmente me cederam sementes

crioulas para formar o Banco de Sementes. Em especial, a Marli do Rocio Pires das Chagas Ferreira, mulher guerreira, que está sempre na luta pela permanência do faxinal. Nossos corações e almas se cruzaram pela simplicidade e pelos valores.

Agradeço a Renato Kovalki e André Jantara (ASPTA/PR) pelo apoio e colaboração na aquisição de sementes, na minha inclusão como membro do Coletivo Triunfo/PR e RESA/PR.

Destaco o agradecimento a Antônio Silvestre, Maria Janete e Paulo Ricardo Ferreira Leite, que compartilham comigo os mesmos ideais e sonhos, conhecimentos e valorização das Comunidades Tradicionais, da natureza e das Sementes Crioulas.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, perdoem minhas ausências e dedicação excessiva aos estudos e pesquisas, especialmente meu esposo, filhos, genros, nora e netos.

*Aos meus pais, Darcy e Delzira Maria, meus exemplos
de vida e agricultores de um Faxinal.*

À toda minha família.

Aos meus seres de alma os Guardiões de Sementes.

Às Comunidades Tradicionais do Paraná.

APRESENTAÇÃO

O livro de Cleusi Teresinha Bobato Stadler resulta de uma trajetória de pesquisa-ação desenvolvida em parceria com os territórios tradicionais da região centro-sul do Paraná. Filha de imigrantes italianos que viveram nos territórios faxinalenses, Cleusi formou-se historiadora e atuou como professora em escolas de municípios rurais da região. Essa vivência, marcada pela cultura camponesa cabocla que caracteriza os sertões paranaenses, alimentou seu interesse em aprofundar o estudo de suas raízes no âmbito universitário, levando-a ao mestrado em História e, posteriormente, ao doutorado em Geografia. Foi nesse contexto que conhecemos a professora Cleusi. No Grupo Interconexões: saberes, práticas e políticas de natureza, tive a oportunidade de acompanhar seu interesse pelo patrimônio biocultural do Paraná Tradicional. Durante o doutorado, Cleusi estreitou laços identitários com os sujeitos – humanos e não humanos – desses territórios subalternos, constantemente ameaçados pelo projeto de modernização do espaço rural e pela desestruturação das comunidades tradicionais. Nesse processo, as sementes e seus guardiões tornaram-se símbolos da resistência de agricultoras e agricultores familiares, sujeitos da pesquisa com quem Cleusi logo se engajaria politicamente. Junto ao Coletivo Triunfo de Guardiões de Sementes Crioulas e à ASP-TA, a pesquisadora passou a lutar pelo reconhecimento da identidade cultural, tornando-se também guardiã de sementes crioulas. Em oposição à lógica estéril da monocultura do agronegócio, a cosmopolítica praticada por essas coletividades – fundada no direito de produzir alimentos saudáveis como expressão da reciprocidade e da economia solidária – constrói redes de solidariedade, conecta e mobiliza diferentes atores sociais em múltiplas escalas e abre caminhos para cenários de alternativas possíveis. A pesquisa de doutorado de Cleusi, transformada em livro, oferece a oportunidade de conhecer, desde dentro, os emaranhados de uma territorialidade ecológica sustentada por uma lógica da convivência e da alteridade, que se expande para além do estatuto ontológico humano moderno. Nesse emaranhado de positivities que emergem em torno das sementes crioulas, permanece a questão da mediação – da tradução dessas vozes, como nos ensina Latour – e da capacidade enunciativa desses atores em rede de expressarem suas necessidades e produzirem efeitos. Essa mediação encontra na biotecnologia

herdada pelos povos autóctones seu instrumento amplificador dos desejos e afetos (no sentido de afetar) dos sujeitos envolvidos. Trata-se, porém, de uma tecnologia distinta daquela voltada exclusivamente a finalidades produtivistas: é uma tecnologia da subjetividade, construída a partir da convivencialidade, equipada com canais de comunicação sensíveis e fundamentada nos saberes-fazer gerativos enraizados no e pelo território.

Dr. Nicolas Floriani

Ponta Grossa, 6 de fevereiro de 2026

PREFÁCIO

O pulsar da terra nas mãos de uma Guardiã, e sua alquimia da memória que germina resistência

Permita que a Natureza seja sua Professora.

Alexander von Humboldt

Existem obras que nascem do intelecto e obras que brotam da alma. *Sementes Crioulas: um sopro de vida* pertence, com rara felicidade, a esta segunda categoria. Escrito por Cleusi Teresinha Bobato Stadler, este livro é mais do que um tratado geográfico ou um inventário da agrobiodiversidade; é um manifesto de resistência, um ato de amor e um tributo à ancestralidade que sobrevive no silêncio dos campos e no ventre da terra. A trajetória de Cleusi é, por si só, uma narrativa de sementeira. Filha de agricultores de Faxinal, Darcy e Delzira Maria, ela carrega em sua biografia o DNA das comunidades que estuda. Sua jornada acadêmica na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) – onde percorreu os caminhos da História até alcançar o Doutorado em Geografia – não foi apenas uma busca por títulos, mas um retorno às origens para conferir voz e dignidade aos «seus seres de alma»: os Guardiões de Sementes. Aos 57 anos, Cleusi nos presenteia com a maturidade de quem compreende que a verdadeira ciência se faz com os pés no barro e o ouvido atento às prosas de fim de tarde. Tecnicamente, o trabalho é impecável. Cleusi utiliza o método etnográfico e a história oral para tecer uma rede complexa que interconecta o saber acadêmico ao saber popular. Ela nos conduz por comunidades faxinalenses, quilombolas e caixaras do Paraná, revelando como as sementes crioulas – de milho, feijão, arroz e tantas outras variedades – são «sujeitos de direito» e elos de uma identidade patrimonial que resiste à homogeneização da Revolução Verde. A criação de Bancos e Casas de Sementes, detalhada nestas páginas, não é apenas uma estratégia de conservação biológica, mas uma ferramenta de autonomia socioambiental e soberania alimentar. Para os seus guardiões, as sementes crioulas são «seres de alma» que representam a «aliança para sempre» entre o ser humano e a natureza, funcionando como cápsulas de memória dos antepassados e como um sopro de vida que garante a resistência, a identidade e a soberania de seus territórios. Participar de sua banca de

doutorado foi como testemunhar o florescer de uma semente de vida, onde o rigor acadêmico encontrou a poesia da terra e o seu coração de guardiã transbordou em cada palavra, reafirmando que a ciência, quando feita com alma, é o mais potente sopro de esperança que se pode esperar. Mergulhar nesta pesquisa foi como participar de uma longa prosa ao pé do fogão a lenha, onde cada página me ensinou que a Geografia, mais do que mapear terras, deve saber ler os mapas da memória e os territórios do afeto, transformando meu olhar sobre a semente: de um simples grão em um complexo sistema de vida, resistência e espiritualidade. Mas, é no tom emotivo que a obra nos captura definitivamente. Ao descrever as sementes como um “sopro de vida”, a autora nos recorda que cada grão guardado por mãos calejadas como as de Sr. Antônio Tibúrcio ou Dona Jesuvina é uma cápsula do tempo, carregada de memórias e afetos. Cleusi não apenas pesquisou; ela plantou, colheu e compartilhou, transformando sua tese em uma “natureza de saberes” que pulsa em cada capítulo. Reafirmo aqui que o “sopro de vida”, no contexto desta obra e da trajetória de Cleusi Stadler, transcende a biologia para se tornar um conceito ontológico e espiritual. Ele pode ser definido sob três dimensões fundamentais, sendo: a essência da resistência, a força invisível que habita o interior de cada semente crioula, permitindo que ela atravesse gerações, climas adversos e a pressão da industrialização agrícola capitalista. É o que faz o grão não ser apenas “matéria”, mas um organismo que carrega consigo a vontade de germinar e perpetuar um modo de vida ancestral; a transmissão do saber, onde o “sopro” é a voz dos guardiões e guardiãs, a exemplo dos faxinalenses, quilombolas, caboclos, ribeirinhos, beradeiros e caíçaras que, ao soprarem as poeiras do tempo e partilharem as sementes em trocas rituais, transmitem a memória dos seus antepassados – um ato de insuflar vida na cultura tradicional para que ela não se perca no espaço-tempo; ainda, a conexão com o sagrado e a Natureza, ao permitir entender que a semente é um “ser de alma”. Como Cleusi Stadler discute, o sopro de vida é a centelha divina e ancestral que une o ser humano à terra; é o que transforma o ato de plantar em um ritual de comunhão e a colheita em um milagre renovado de existência. O sopro de vida é o que diferencia a semente comercial (um produto finito) da semente crioula (um processo infinito), enquanto a primeira é um objeto de mercado, a segunda é uma pulsação de liberdade e identidade que mantém vivo o coração do território. Este livro é um convite para reconhecermos que o futuro do planeta pode estar guardado em uma pequena cuia de feijões coloridos. Cleusi Teresinha Bobato Stadler, com sua sensibilidade de his-

toriadora e rigor de geógrafa, prova que enquanto houver quem guarde uma semente, haverá esperança. Que estas páginas inspirem novos guardiões e que o sopro de vida aqui narrado ecoe por todos os territórios da agrobiodiversidade. Mas, também, *Sementes Crioulas – Um Sopro de Vida* é um convite à reflexão e ao engajamento. Cleusi Stadler nos mostra que o futuro não está em laboratórios estéreis, mas nas mãos calejadas daqueles que, com paciência e fé, guardam o mistério da vida em pequenos potes. Afinal, um mundo sem sementes seria um deserto de silêncio e esquecimento, onde a terra perderia a sua memória, o prato perderia o seu sabor e a humanidade, despojada do seu “sopro de vida”, veria o futuro murchar antes mesmo de poder germinar. É uma obra essencial para geógrafos, historiadores, agricultores e para todo ser humano que acredita que, enquanto houver semente e memória, haverá esperança de um mundo mais justo e biodiverso. Escrever este prefácio em um único e contínuo parágrafo não é apenas uma escolha estética, mas um exercício de fôlego e entrega que mimetiza o fluxo ininterrupto da própria vida que germina na terra, pois não existem pausas possíveis ou interrupções admissíveis para se ler uma obra tão virtuosa, densa e absolutamente urgente para se repensar a complexa e, por vezes, fraturada relação entre sociedade e natureza neste conturbado século XXI, onde o trabalho de Cleusi T. Bobato Stadler emerge como uma bússola ética e científica.

Boa leitura e boa sementeira.

Redigi estas linhas sob o céu cinzento de Timbó Grande, o último refúgio da resistência cabocla no Contestado. Era uma tarde fria e nublada de fevereiro, no limiar do Carnaval de 2026, quando o silêncio da história se misturava ao tempo nublado, acreditando que semear é um sopro de vida.

Nilson Cesar Fraga

Geógrafo dos territórios ancestrais e guardiões das geografias (in)visíveis dos povos tradicionais. Professor associado do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Coordenador do Observatório da Região e da Guerra do Contestado. Coordenador do Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abrasco – Associação Brasileira de Saúde Coletiva.

Abrasem – Associação Brasileira de Sementes e Mudanças.

Asaeco – Associação Solidária da Agricultura Ecológica de Ponta Grossa e Região.

ASPTA – Associação de Agricultura Familiar e Agroecologia.

ANT – (*Actor-Network Theory*) Teoria Ator-Rede.

Ceta – Centro de Estudos e Treinamento em Agroecologia.

Conasem – Comissão Nacional de Sementes e Mudanças.

CESMs – Comissões Estaduais de Sementes e Mudanças.

CDB – Convenção sobre Diversidade Biológica na ECO-92.

Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Eco-92 – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

Faeab – Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil.

Fao – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura.

Fom – Floresta Ombrófila Mista.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Inpa – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.

Lapef – Laboratório dos Povos Eslavos e Faxinalenses.

Obeduc – Observatório de Educação.

OGM – Organismos Geneticamente Modificados.

MAA – Movimento de Agricultura Alternativa.

MMA – Ministério do Meio Ambiente.

Planasem – Plano Nacional de Sementes.

PPGEO – Programa de Pós-Graduação em Geografia.

PNCs – Plantas Não Convencionais.

PNPCT – Política Nacional de desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Resa – Rede de Sementes da Agroecologia.

SAFs – Sistemas de Agro-florestas.

Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR.

UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
 CAPÍTULO 1	
CAMINHANDO PELA GEOGRAFIA E HISTÓRIA	43
Saberes e práticas tradicionais dos agricultores como identidade dos territórios.....	43
1.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	43
1.1.1 Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos – Campo Largo/PR	52
1.1.2 Comunidade Faxinalense – Sete Saltos de Baixo/Ponta Grossa/PR	62
1.1.3 Comunidade Rural Guaraguaçu – Pontal do Paraná/PR	71
1.2 TERRITÓRIO NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS	82
1.2.1 TERRITÓRIO	87
 CAPÍTULO 2	
TERRITORIALIDADE, REDE, IDENTIDADE E MEMÓRIA BIOCULTURAL... 103	
2.1 TERRITORIALIDADE E REDE	103
2.2 IDENTIDADE	114
2.3 A MEMÓRIA BIOCULTURAL	119
 CAPÍTULO 3	
A BIODIVERSIDADE E AGROBIODIVERSIDADE DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS	127
3.1 SEMEANDO AGROBIODIVERSIDADE NA BIODIVERSIDADE BRASILEIRA..	133
3.2 A MATA ATLÂNTICA E FLORESTA COM ARAUCÁRIAS	140
3.3 A FLORESTA COM ARAUCÁRIA – MEMÓRIAS E PRÁTICAS RECRIADAS..	150
3.4 AGRICULTURA – INTERAÇÃO ENTRE O SER HUMANO E A NATUREZA ...	156
3.5 AGRICULTURA TRADICIONAL: CAMPONESA (CABOCLA), FAMILIAR – UM CONTRAPONTO A AGRICULTURA HEGEMÔNICA CAPITALISTA	165
3.5.1 TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS DA AGRICULTURA	175
3.5.2 AS LEIS DE SEMENTES – DIREITOS INTERNACIONAIS E NACIONAIS DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS	180
3.6 A AGROBIODIVERSIDADE: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO	195

CAPÍTULO 4

ENTRE ROÇAS E SEMENTES: ANDANÇAS PELAS TERRITORIALIDADES DOS CAMPONESES.....	199
4.1 A CONSERVAÇÃO DAS VARIEDADES (SEMENTES) CRIOULAS	202
4.2 A SEMENTE CRIOLA: A SEMENTE DOS ANTEPASSADOS.....	213
4.3 SEMEAR E INSEMINAR A TERRA – OS SIGNIFICADOS DA SEMENTE COMO BEM COMUM.....	218
4.4 OS GUARDIÕES DE SEMENTES CRIOULAS, O BANCO E A CASA DE SEMENTES.....	242
4.5 IDENTIFICAÇÃO DOS GUARDIÕES E A REDE DE PESQUISA.....	245

CAPÍTULO 5

SABERES E PRÁTICAS TRADICIONAIS: PLANTIO E REPRODUÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS	269
5.1 PRÁTICAS PRODUTIVAS E POLÍTICAS DE NATUREZA UTILIZADAS PELOS AGRICULTORES NO PLANTIO DE SEMENTES CRIOULAS.....	274

CONSIDERAÇÕES FINAIS

SEMENTES CRIOULAS E PRÁTICAS COTIDIANAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL (I) MATERIAL	331
--	------------

REFERÊNCIAS	347
--------------------------	------------

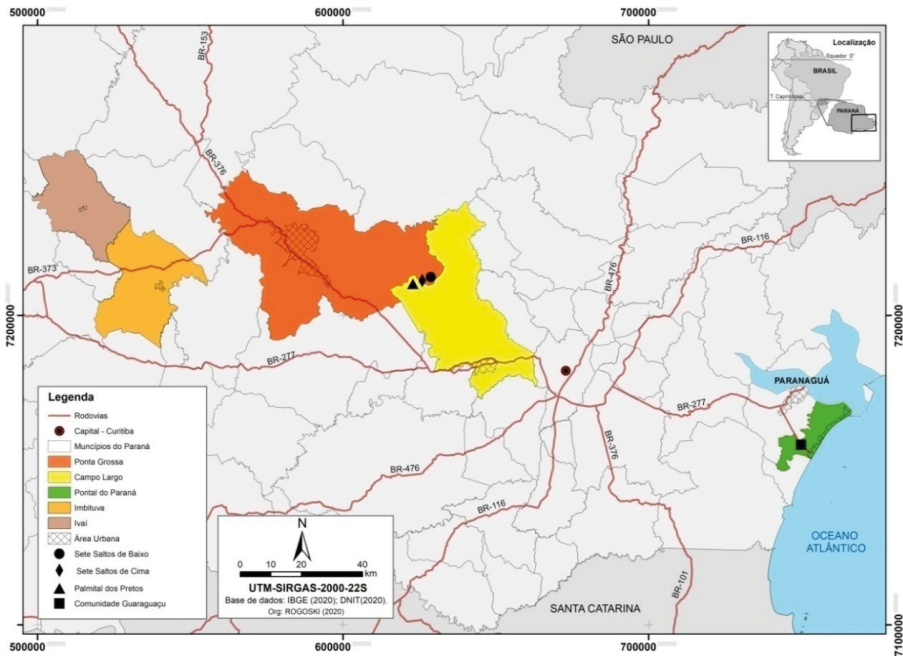
INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais, sejam elas faxinalenses, quilombolas, caiçaras, agricultores, através de seus conhecimentos, suas técnicas produtivas e seu modo de vida, têm sido guardiãs de um dos recursos mais importantes para a alimentação e para a vida: a agrobiodiversidade. Semear territórios da agrobiodiversidade, partilhar saberes e práticas é buscar a continuidade da geo-história das comunidades, dos simbolismos, da identidade dos sujeitos e ações em um mesmo espaço. É compreender os sujeitos dessas comunidades, em lados opostos da fronteira política, como se organizam em um espaço com novas relações sociais, econômicas e culturais, com suas práticas, saberes e sementes crioulas, dando a esse espaço um novo significado, uma reterritorialização.

A geografia e a história caminham juntas, fazem parte da narrativa e das experiências de vida dos sujeitos. Essas experiências de vida, saberes e memórias se interligam, constituindo os territórios e a territorialidade de muitas comunidades tradicionais rurais do interior do Paraná.

Neste livro, utilizamos, para compreender o espaço geográfico, o recorte da região administrativa das comunidades de acordo com o IBGE, demonstrado na Figura 1, das comunidades de Sete Saltos de Baixo, Sete Saltos de Cima, Palmital dos Pretos, localizadas na região dos Campos Gerais do Paraná, a comunidade de Guaraguaçu, no litoral, em Pontal do Paraná, e Faxinal dos Galvão, na cidade de Imbituva, Região Centro-Sul do Paraná, onde estão alguns sujeitos guardiões de sementes que detêm práticas e saberes tradicionais. Esse recorte da região administrativa não será a base de nossa discussão; utilizamos apenas para mostrar a localização das comunidades.

Figura 1: Mapa da Localização Geográfica das Comunidades de Sete Saltos de Baixo, Sete Saltos de Cima, Palmital dos Pretos, Guaraguaçu, Faxinal dos Galvão/Imbituva.



Fonte: Carlos Alexandre Rogoski, 2020.

O tema das práticas e saberes com as sementes crioulas vem da agrobiodiversidade, que, na década de 1990, se configura como um contra movimento em resposta ao projeto de modernização do mundo rural e uma crítica à agricultura convencional, mobilizando para uma agricultura alternativa, onde as sementes crioulas e as práticas da agricultura tradicional estão presentes. Outro aspecto que motivou esta pesquisa foi poder adentrar uma parte pouco conhecida do passado de nossa comunidade faxinalense, onde os bisavós, avós e pais foram agricultores que viveram em um sistema de faxinal de origem portuguesa, adaptado pelos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil entre os anos de 1877 e 1900. Queríamos compreender se as práticas vivenciadas eram as mesmas desenvolvidas em outras comunidades tradicionais do Paraná, se essas práticas as identificavam enquanto comunidades tradicionais. Pois, como afirma Bourdieu (2003, p. 55), “o pesquisador pode e deve mobilizar sua experiência, ou seja, seu passado, em todos os seus atos de pesquisa.

Mas ele apenas tem o direito de fazê-lo sob a condição de submeter esses retornos do passado a um exame crítico rigoroso” (Bourdieu, 2003, p. 55).

Muitas dessas práticas da agricultura constituem e são constituídas da agrobiodiversidade, que de acordo com Santilli (2009, p. 92), “engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola, os espaços cultivados [...], as espécies direta ou indiretamente manejadas [...] e a diversidade biológica a eles associadas”, também abriga as variedades de sementes, mudas e raças crioulas. Segundo Beviláqua *et. al* (2014), essas variedades são produzidas por agricultores, podendo ser de origens locais, nacionais ou internacionais, mas que passam por processo de adaptação específica aos ambientes, passando a se chamarem crioulas de determinados comunidades.

Este livro vem apresentar a pesquisa acerca do processo de (re) territorialização da agrobiodiversidade na Região dos Campos Gerais e Centro-Sul do Paraná em comunidades rurais tradicionais, e seu principal enfoque situa-se na premissa de que os guardiões de sementes mediante práticas historicamente construídas, detêm referências para a sustentabilidade de seus ambientes e a formação de territórios geográficos econômicos, socioculturais e simbólicos. Em trabalho de Floriani e Carvalho (2017, p. 10), buscamos interpretar a autonomia socioambiental de uma comunidade tradicional a partir da análise conjunta dos atributos, organização social interna e externa (formação de redes) com seu patrimônio biocultural (saberes-fazeres com terras e florestas), através de um estudo etnográfico interdisciplinar.

A cultura faxinalense e quilombola possuem, em sua essência, uma sustentabilidade ambiental potencial (ou latente), própria de cada subsistema, mas interconectadas (terras, floresta e cultura); esta sustentabilidade latente reflete o estado de resiliência do patrimônio biocultural diante dos processos socioeconômicos e tecnológicos incidentes sobre o território da comunidade tradicional. É influenciada positivamente por fatores sociais e políticos externos à comunidade: as parcerias com outros sujeitos sociais (poder público e universidade), que, com base em instrumentos legais e em diagnósticos e planos de manejo ecológicos, possam assegurar o direito ao território e ao uso adequado dos bens coletivos, condizentes com a realidade social e ecológica da comunidade (Floriani; Carvalho, 2017, p. 24).¹

¹ Especificamente no caso das famílias de agricultores apoiados pelo Projeto Interconexões/UEPG na região dos Campos Gerais e Centro-Sul, grande esforço tem sido dedicado à configuração de bancos de sementes, mudas e propágulos crioulos.

As práticas, saberes desses agricultores estabelecem uma região geográfica que extrapola seu lugar, fazendo com que outras comunidades, instituições, enxerguem essa região como um espaço geográfico distinto, com identidade de comunidade tradicional, com suas territorialidades específicas, mas que se integram ao todo regional. A partir dessa integração entre as comunidades, troca de sementes, verifica-se a formação de novas práticas constituintes de uma formação sociocultural, que dão unidade em meio à diversidade regional.

É necessário, portanto, explicarmos os termos: comunidade, povos tradicionais, guardiões de sementes, banco de sementes, utilizados nesta pesquisa, para avançarmos na discussão, mas que serão melhor desenvolvidos e discutidos no decorrer dos capítulos.

Comunidade (*Gemeinschaft*), de acordo com Tönnies (1979), é uma forma de organização social, de acordo com as temporalidades, com sentido mais profundo de comunidade, força da comunidade. Tönnies (1979, p. 29) descreve *sociedade* como antiga e comunidade como recente, motivando o predomínio da sociedade sobre o fenômeno social, relegando à *comunidade* espaços secundários.

Podemos, então, afirmar que as comunidades se mantêm em combinações diferenciadas, locais com características específicas e ligadas às tradições e saberes dos grupos comunitários, onde seu modo de viver, suas práticas, levam à construção de significados e valores que as fortalecem como comunidade.

Assim, comunidade (rural) consiste na união entre culturas (material e imaterial), estabelecendo-se principalmente pelo uso da terra, produção em relação com a natureza. Assim, a dimensão simbólica é extremamente rica nos contextos das vivências e práticas das comunidades tradicionais, pois a relação ser humano-ambiente passa por importantes reconhecimentos subjetivos e objetivos, influenciando as construções de seus significados, bem como as representações sociais dessas comunidades (Guimarães, 2012).

A discussão sobre o conceito de comunidade, quando relacionada a comunidades tradicionais, leva a questionamentos provenientes das tradições e territorialidades historicamente constituídas. Esses termos, comunidades tradicionais, estão contemplados na Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), pela publicação do Decreto Federal nº 6.040/2007 (Brasil, 2007),

que conceitua comunidade tradicional em seu artigo 3º, incisos I, II e III, conforme descrito no decreto.

Art. 3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

I – Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II – Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem o art. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações;

III – Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

Assim o termo comunidade tradicional está relacionado ao processo histórico que constitui determinada comunidade, bem como, a sua identidade étnica, seu grupo, que os distingue de outras comunidades, através de sua autodeterminação e autonomia. Podemos considerar então todos os grupos faxinalenses, quilombolas, caiçaras, indígenas, caboclos, que se identificam como tradicionais e que ainda têm em sua composição, práticas e saberes de tradição.

As comunidades faxinalense Sete Saltos de Baixo, quilombola Palmital dos Pretos, podem ser consideradas como tradicionais, conforme os atributos evidenciados por Carlos Rodrigues Brandão (1986) e outros autores e têm em sua composição os ‘guardiões de sementes’, já as Comunidades Sete Saltos de Cima, Faxinal dos Galvão se formam como Comunidades Tradicionais, mas se desestruturam como tais na década de 1980, em função das mudanças históricas e geográficas, sendo que os elementos desse passado estão presentes nos modos de vida e nas práticas de usos